

A chave de Isaías

Resenha de Isaías Melsohn, **Psicanálise em nova chave**, São Paulo, Perspectiva, 2001, 334 p.

Queiramos ou não, há preconceitos da psicologia clássica entranhados em conceitos fundadores da psicanálise e as conseqüências deste fato nada têm de inócuas. Sem dúvida, estamos diante de um tipo de afirmação, relacionada com te- ses há anos defendidas pelo autor de *Psicanálise em nova chave*, que nunca deixou de pro- vocar reações de desconforto. Isaías Melsohn tem denunciado um certo tipo de inconsistência conceitual na origem da psica- nálise que, não reconhecida e incorporada em desenvolvimen- tos teóricos contemporâneos, tenderia a se acentuar. Para ele, a utilização, sem crítica, de cer- tas formulações freudianas da representação inconsciente tem se mostrado capaz de gerar pos- turas desfavoráveis à clínica.

Concepções fundadoras basearam-se na teoria das sen- sações e associações senso- riais. Para o autor, Freud teria concebido o processo percepti- vo como o de efetuar cópias subjetivas de um mundo que se disporia como se fosse dado desde antes, ou constituído des- de sempre, isto é, em plena in- dependência da percepção.

As seis aulas que com- põem a primeira parte do livro atingem um patamar de clareza suficiente a respeito da situação da psicanálise na história das idéias e, sobretudo, da intenção e da extensão do pensamento psicanalítico deste nosso (por sorte) contemporâneo, para além do prazer que seu estilo expressivo pode nos proporcio- nar. Uma das aulas informa-nos que teorias psicológicas que mantinham como fundamento a noção de sensações elemen- tares estavam em voga nos meios médicos e psiquiátricos, no último quarto do século XIX. Para essas teorias, um ato in-

telectual era explicável por uma análise que o reduzia a seus componentes, elementos mais simples, as sensações ou im- pressões sensoriais, correspon- dentes a elementos do mundo exterior. Todo evento psíquico seria constituído pela associa- ção destas impressões ou, como foram genericamente de- signadas, idéias.

Não se trata de revermos agora capítulos mais ou menos remotos da história da filosofia ou da psicologia. Mas vale deter- mo-nos nos motivos pelos quais o professor retoma essas antiquadas “teorias baseadas na noção de sensações elemen- tares” (p. 52). Sua “Crítica dos Fundamentos” permite-nos re- ver o modo pelo qual a psicolo- gia associacionista, concebida por filósofos empiristas ingle- ses do século XVII, embora já abandonada pelos filósofos, pre- dominava em pressupostos mé- dicos, sobretudo neurológicos e psicológicos, e influía na visão que os contemporâneos de Freud tinham de seus pacientes.

O associacionismo carac- terizou-se por conceber tanto a relação cognoscente do sujeito com o mundo, quanto a imagi- nativa, operando por meio de

idéias-cópia e imagens-cópia. Em conseqüência, a represen- tação era analisada como resul- tado de um processo no qual a mente reproduzia o apreendido pela percepção. A percepção, por sua vez, era entendida como resultante de sensações contí- guas. Para o autor, Freud, como se poderia constatar em vários textos de sua obra, “propõe que as impressões sensíveis devem servir a uma cópia fiel do mun- do externo” e teria entendido que “todas as alterações dessa có- pia seriam decorrentes da inci- dência do processo primário que alteraria a organização for- mal e a apreensão original – que seria a verdadeira – do signifi- cado dos objetos” (p.76).

Muitos dos experimentos da psicologia (sobretudo entre os anos vinte e trinta) e hipóteses neles fundamentadas, trazidas para as disciplinas psicológicas, em especial por Scheler, Koffka, Köhler e Klages, que permitiram aposentar o associacionismo, são apresentados em sínteses competentes, nas aulas que o texto nos permite seguir. A Psi- cologia da Forma demonstrou

que as impressões sensoriais advindas de estímulos sensí- veis, além de não constituírem a reprodução de algo dado, são, como estes, objeto de seleção, “mesmo no nível da pura recep- tividade” (p.76). Esclarecimentos trazidos pelas pesquisas desta psicologia e análises filosóficas, dos processos perceptivo e ima- ginário, são indispensáveis para a tarefa de dotar a psicanálise de uma nova chave e, por esse motivo, não para nos brindar com sua erudição, o autor se dedica a expô-las com rigor. Com efeito, é a partir destas e de outras contribuições por ele investigadas, que podemos dis- pensar a pressuposição de que imagens de objetos, tidas como simulacros, habitam um interior da consciência e um “interior mais profundo, o inconsciente” (p.21).

Visões comprometidas por concepções psicológicas clás- sicas teriam, segundo Isaías, determinado a escuta freudiana (intermediada) do pequeno Hans: “Essas associações sen- soriais – no caso de Hans, as correspondentes internas às representações da constelação edipiana, correspondentes in- ternas que Freud denomina, na Metapsicologia, representações de coisas – é que constituiriam o material propriamente reprimi- do, inconsciente” (p. 21).

O conceito de *representa- ção inconsciente* é pedra de toque da edificação teórica psi- canalítica. Se a representação resulta de uma imaginação ou de uma percepção efetuada que funcionam reapresentando ou deixando escapar imagens-coi- sa para a mente, o inconsciente constitui-se como um *réservoir*. Estoca imagens-coisa que as- somam no sujeito, dê-se ele conta disso ou não. Ao psica- nalista, observador do analisando, caberia rastrear a história e

LEITURAS

o ritmo dessas emanações capazes de irromper na fala. Mas o caso paradigmático revisto de Isaias, o caso do pequeno Hans, caracteriza-se por nos permitir acompanhar sua crítica da *representação de coisa* dissociada da linguagem.

Um dos focos mais importantes desse exame das possibilidades dos pressupostos adotados por Freud é a experiência sensorial concebida como “independente do universo da linguagem” (p.54). Teria levado Freud a derivar dessa independência “a possibilidade da repressão bem como o estatuto do Inconsciente: a representação inconsciente ou representação de coisa é a percepção sem linguagem” (p.54). O autor propõe que se leve em conta a falência daquela psicologia que se teria mantido pressuposta em modos de conceber o sujeito, e, portanto, às vezes, de *observar* o analisando. Tomada como fundamento de teorias psicanalíticas, ela só nos permitiria compreender a função expressiva da linguagem como resultante de uma ligação, de mera contigüidade, das representações (de objetos, traços, experiências). Estas se dariam num fluxo mecânico, determinado por experiências passadas.

Utilizando, desde o início, o exemplo de uma linha curva traçada diante de nós, Isaias nos faz distinguir entre a apreensão do traçado geométrico e o modo pelo qual nossa consciência se abre na vivência de imergir no desenho. Podemos ter um aproveitamento iluminador à medida que vamos sendo convocados para a experiência de mobilidade interna, simultânea em relação à subida e descida da linha no espaço. Trata-se da “vivência da experiência de movimento na curva, ausência de separação entre o eu e o objeto em que a vivência do movimento é percebida” (p.5).

Comentários do referido exemplo, de outros, e a exposição de idéias de Cassirer mostram-nos que o caráter expressivo não é acrescentado, como um “apêndice subjetivo” (p. 83), ao conteúdo objetivo do sensível. É inseparável da percepção da realidade, “traz a coloração afetiva de realidade original” (p. 83). Vamos compreendendo também, ao longo do livro, a função da epistemologia em psicanálise, que faz prospeções no tratamento de problemas de conhecimento com que a psicanálise se tem deparado e traz à tona os pressupostos que o determinam.

À medida que não se sustenta mais a concepção tradicional da percepção, que se reconhece que não existem sensações elementares que façam parte da composição de um objeto, vai ganhando terreno a investigação a respeito de como *aparece* o que ocorre. Numa das referências a Merleau-Ponty, o autor assinala que “o retorno aos *fenômenos* guia a descrição de comportamentos

e da percepção” (p.32). No âmbito da filosofia, vale observar que tanto este filósofo quanto Sartre basearam-se na idéia husserliana de *fenômeno*, deixando para trás o dualismo das concepções que opunham, no existente, o ser ao aparecer e o interior ao exterior. Isaias percorre com maestria as questões retomadas pelos filósofos e tira partido tanto daquilo que podem nos fazer pesquisar quanto dos alicerces das teorias psicanalíticas.

Para evocar agora a relação das análises fenomenológicas com o campo da expressividade, no qual o autor nos vai introduzindo, consideremos que “o aparecer de ‘algo’ se dá como pura objetivação do impulso momentâneo, numa total fusão *fora-dentro*” (p.83). Definida segundo a fenomenologia de Husserl, a consciência visa aos objetos *intencionalmente*, isto é, segundo sua índole, constituídos de tal ou tal modo. Isaias aproxima o conceito de *intenção*, de Husserl, do conceito freudiano de impulso, relendo-os do seguinte modo: “é errôneo dizer-se que estruturas objetivas internas são projetadas nos objetos externos. O que se projeta é um movimento interior, é uma intenção, é o que Freud denominou impulso” (p.91).

Destaco outro exemplo importante, a maneira pela qual nos é rerepresentada a *identificação projetiva*, de Melanie Klein. Este conceito foi criado, penso, para dar conta do mecanismo pelo qual partes são projetadas num outro sujeito, seja o analista, que passa a ser identificado com aquelas, por quem as projetou. Propicia-nos também uma maneira de conceber a base da mais primitiva formação de símbolos. Pois bem, Isaias nos mostra que “A expressividade é a unidade e fusão do externo e do interno (noção que corresponde à identificação projetiva de Melanie Klein), não é apenas o subjetivo projetado para o exterior, nem cópia do exterior, os dois aspectos se determinam” (p.79).

No material com que se forja a nova chave, na cunhagem de novos conceitos, tem papel essencial o que provém das investigações da função expressiva da linguagem, realizadas por Cassirer e Suzanne Langer, e das análises fenomenológicas da imaginação e da percepção, realizadas por Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty. As referências à obra de Cassirer permitem-nos encontrar um caminho entre a psicologia que superou a clássica e a investigação filosófica da expressividade. Apesar de ser possível fazermos o mesmo com as referências aos demais pensadores feitas pelo autor, penso que é hora de indicar a que vem o

ideário deste filósofo, tão decisivo para ele quanto a obra de Suzanne Langer, que discute a *percepção expressiva*.

Nas suas investigações da filósofa, ele encontrou base para também investigar e afirmar que “no que diz respeito ao trabalho psicanalítico, a sensibilidade à percepção expressiva da fala desempenha papel primordial” (p.83). O livro desta autora, já homenageada no título da obra que comento, *Philosophy in a new key*, possibilitou a Isaias compreender o símbolo como construção originária e não substitutiva. E mais, teve o papel crucial de lhe dar a pista para o pensamento de Ernst Cassirer. Além de incorporar a crítica dos fundamentos da psicologia das sensações feitas por este, Isaias adota seu conceito de *formas simbólicas não discursivas*, que nos traz recursos para distinguirmos a função representativa da linguagem da função expressiva ou *presentificadora* da vida emocional. A primeira é possibilitada pela aquisição da linguagem, pela entrada “no mundo do signo, do símbolo, através do qual os conteúdos da consciência são interrompidos e mantidos” (p.85).

Creio estar sendo fiel às idéias do autor e também à maneira pela qual ele integra esta abordagem do símbolo com a da consciência, de que parte a fenomenologia sartriana, na síntese seguinte: a interrup-

ção (indicada na citação do parágrafo anterior) é a do fluxo da consciência espontânea. Dá-se no resgate de perfis do fenômeno para os quais esta se abre em movimento centrífugo incessante. A consciência espontânea é, por assim dizer, detida pela atividade que retorna sobre ela e sobre o que ela visa, uma consciência segunda. É assim que a atividade de representar equivale a retirar algo do fluxo temporal e a poder apresentá-lo de novo.

Seguindo Cassirer, Isaias nos faz ver que o símbolo discursivo implica na distância entre sujeito e objeto e *representa* conteúdos ausentes. É construído em correlação com proposições ou enunciados que remetem para eles; é nessa medida que *significa*. A essa concepção de linguagem como significação, o autor opõe o símbolo enquanto sentido, que nos põe em contato com uma presença. *Presentificadores*, os símbolos não discursivos são tomados como instrumentos para conceber a *vida emocional*.

É importante, para vislumbrarmos a clínica psicanalítica segundo Isaias, salientar que “o sentido, quando analisado pela palavra, abandona o universo expressivo para transmutar-se em significação e referência” (p.213). A significação implica em distância da experiência vivida. Não exclui o sentido emocional, mas toma-o como “objeto do pensar” (p.213), como *referência*; não é a forma da emoção. A Parte II do livro,

denominada “Lições Clínicas”, é constituída por seminários, que vão nos mostrando de que modo “cabe ao analista conceber a forma da emoção que o paciente vive” (p.213).

Estamos diante de uma obra que não pretende derrubar os fundamentos teóricos da psicanálise, mas reedificá-los, estabelecendo recursos para a arte da interpretação dentro do processo psicanalítico, cujo objetivo é “a transformação da consciência do objeto em consciência de si” (p.275). Esse objeto não é algo depositado na consciência ou inconsciente, pois estes nada contêm, mas “pontos momentaneamente estáveis por meio dos quais a estrutura de impulsos despertada pela experiência humana agora vivida”, a experiência analítica, adquire “fixidez” (p.274) para o paciente. A intervenção do analista, resultante da fusão com a expressão de outrem, ou da invasão pela experiência emocional do analisando, consiste em comunicar o sentido apreendido, formulado no cumprimento de uma dupla exigência, a de aceitar a invasão e acolhê-la. É assim que, para o analista Isaias, o paciente poderá “ouvir a si próprio falado por outrem; poderá se re-conhecer dentro e

através do outro, numa fusão, desta vez simbólica, que é, também, uma das realizações supremas do dizer humano” (p.276).

A polêmica com *The International Journal of Psycho-Analysis* e o artigo de 1988 que a gerou estão nas duas últimas partes do livro. O texto, com o título “Uma alternativa para o conceito de representação inconsciente: a função expressiva e a constituição do sentido. Sentido e significação”, teve três relatores designados pelo , que o recusou. Encerrando “o libelo, não a pendência” (p.323), o autor discute diante de nós sua leitura dos relatórios, as razões, conceitos e princípios que sustentam sua posição. Para sugerir traços dos embates que não cabe resumir, adianto que ele aponta, nos arrazoados dos relatores, “o exame perfunctório do artigo”, feito pelo primeiro, o “apelo à autoridade e apego conservacionista à tradição”, que caracterizam o segundo, e a “minuciosa análise do artigo” (p.323), realizada pelo terceiro. Seguir os movimentos desse libelo levará o leitor a concordar ou não com os termos que destaquei, mas acredito que lhe permitirá ter melhores condições de se familiarizar com as teses de Isaias e com os motivos de tão precisa contribuição provocar resistências.

Camila Salles Gonçalves é professora de filosofia, doutora pela USP, psicóloga, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, autora de *Desilusão e história na psicanálise de Jean-Paul Sartre*.